

A CIDADE DE ALEXANDRIA E SUAS COMUNIDADES POLÍTICO-RELIGIOSAS NA ANTIGUIDADE TARDIA (SÉCS. IV E V D.C.).

*Daniel de Figueiredo*¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a diversidade político-religiosa da cidade de Alexandria, localizada no Império Romano do Oriente, na Antiguidade Tardia. A partir da correspondência epistolar do bispo Cirilo de Alexandria (412-444), buscaremos indicar que os conflitos entre as diferentes comunidades – judaica, cristã e neoplatônica – que ocupavam o espaço urbano da cidade, não se restringiam a uma polarização de ideias teológico-filosóficas, mas estavam relacionados, também, a disputas por representatividade nas demais esferas da vida social. O dinamismo de Alexandria naquele contexto esteve relacionado à presença dessa diversidade político-religiosa, a despeito dos documentos no período direcionar-nos, à primeira leitura, a entendê-la como uma cidade “cristianizada”.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia. Alexandria. Conflito político-religioso.

¹ Doutorando em História Antiga. FCHS/UNESP Franca. Bolsista FAPESP. E-mail: dd66fig@gmail.com

Uma cidade é construída por diferentes tipos de indivíduos; pessoas iguais não podem fazê-la existir.

(Aristóteles, *Política*, II, 1).

Considerações iniciais.

O propósito desse artigo é levantar algumas considerações acerca da diversidade político-religiosa na cidade de Alexandria, na Antiguidade Tardia², mais especificamente na passagem do IV para o V século d.C. Pretendemos indicar que, longe de constituir uma sociedade “cristianizada”, a cidade de Alexandria, no período, era composta de diferentes segmentos político-religiosos que competiam entre si. Os debates de ideias teológico-filosóficas entre essas comunidades visavam, sobretudo, a inserção no espaço público e representatividade nos negócios da cidade. Essa diversidade é que conferiu a ela destaque na malha político-administrativa do Império Romano do Oriente.

Dada a natureza retórica e propagandística dos documentos que chegaram até nós, em especial a correspondência epistolar do bispo Cirilo de Alexandria (412-444)³, somos direcionados, à primeira leitura, a pensar na

² O período entre os séculos III e VIII d.C., conhecido pelos especialistas por Antiguidade Tardia, é caracterizado por rupturas, permanências e transformações em relação aos valores clássicos, como, por exemplo, a emergência de novas concepções ideológicas relacionadas ao Cristianismo. Julio César M. Oliveira (2007/2008, p. 135) considera o período como a “última” Antiguidade que, embora seja dotado de características próprias, ainda conserva formas antigas. A despeito de uma maior preponderância de trabalhos historiográficos com ênfase nos aspectos culturais, Oliveira advoga que “nenhuma interpretação de conjunto das transformações do período deveria prescindir de uma abordagem global que leve em conta não só as ideias, mas também a materialidade da existência e as condições de vida da maioria da população”.

³ Cirilo foi bispo da cidade de Alexandria entre 412 e 444. Envolveu-se em diversos conflitos com as diferentes comunidades de Alexandria, sobretudo no início do seu episcopado, dentre elas judeus, neoplatônicos, cristãos considerados “heréticos” e com as autoridades imperiais. Protagonizou, juntamente com o bispo de Constantinopla, Nestório, o grande conflito que veio a ser conhecido pela historiografia como *Controvérsia Nestoriana*, ao divergirem sobre o relacionamento entre as naturezas humana e divina do Cristo encarnado. O início desse conflito e o seu desenrolar até a morte de Cirilo está,

cidade como hegemonicamente controlada por um grupo cristão que reivindicava suas ideias como ortodoxas. Contudo, uma análise mais aprofundada, à luz dos novos pressupostos teórico-metodológicos das Histórias Política e Cultural, nos mostra a riqueza da diversidade que a constituía e as correlações de forças entre as diferentes comunidades que disputavam para manter sua representatividade.

O cosmopolitismo de Alexandria.

Antes, contudo, buscamos fornecer algumas considerações históricas que julgamos relevantes para entender a complexidade organizacional que a sociedade alexandrina apresentava na passagem do IV para o V século d.C.

A cidade de Alexandria foi fundada em torno do ano de 331 a.C. por Alexandre da Macedônia após esse general conquistar a região do Egito que, naquele momento do século IV a.C., encontrava-se sob o domínio do Império Persa (LLOYD, 2008, p. 344). A localização da cidade parece ter sido escolhida de forma estratégica, a fim de abrigar a nova capital da região conquistada. Alexandria, portanto, ergueu-se nas proximidades do delta do rio Nilo, numa região recortada por diversos braços desse rio os quais deságuam no mar Mediterrâneo. Isso é indicativo de que uma importante atividade agrícola se desenvolveu no entorno da cidade. Outra característica relevante da geografia da cidade é a ligação da parte continental à ilha *Pharos*, por meio de um promontório. Essa estrutura de rochas elevadas dividia o litoral alexandrino em duas grandes baías.

Tal configuração propiciou que a cidade abrigasse um movimentado centro portuário, que escoava as safras de grãos produzidos no delta e no vale do rio Nilo. O porto de Alexandria esteve, ainda durante a Antiguidade Tardia, garantido pela construção de um farol de navegação, localizado na porção insular da cidade (HAAS, 1997, p. 25). Essa disposição favoreceu a comunicação da cidade com as diversas regiões do entorno da vasta bacia mediterrânica. Alexandria, em consequência dessa localização estratégica, também se tornou o

também, documentado através de cento e quinze cartas que compõem a sua correspondência epistolar que chegou até nós.

laço de união entre o mundo mediterrânico e o que podemos chamar de Egito profundo. Essa região interior era constituída por duas faixas estreitas de terras, que margeavam o rio Nilo e, no que se refere à porção egípcia, estendiam-se até a altura da primeira catarata, próximo à região da Núbia. O regime de cheias periódicas desse rio fertilizava toda uma extensa região desértica, tornando-a propícia ao cultivo de diversos produtos agrícolas (BAGNALL, 1996, p. 15-20).

Em virtude dessas características, circulava no espaço urbano alexandrino uma população que variava desde os egípcios nativos, indivíduos gregos, judeus, mercadores gauleses, viajantes orientais, escravos núbios ou ainda uma mistura desses povos (BALTA, 2005, p. 143-146). Ademais, a aproximação física entre cidade e campo, localizados nas estreitas faixas de terras férteis, parece ter produzido uma íntima conexão entre ambos. A mescla cultural que resultou da convivência desses diferentes povos foi-nos fornecida através da imensa quantidade de máscaras mortuárias pintadas em madeira e tecido de linho encontradas na região de *Fayum*, também próxima ao delta do rio Nilo, e não muito distante de Alexandria. Nessas representações pictóricas, incrustadas em centenas de urnas funerárias, podemos observar os retratos de indivíduos nativos que viviam no Egito tardo-antigo e que portavam indumentárias ou adereços que remetem à influência cultural greco-romana, indicando-nos uma mescla das tradições do Egito faraônico e do mundo clássico (PRAG, 2002, p. 55).

As pesquisas arqueológicas também têm demonstrado que entre os séculos V e VII d.C., o antigo costume de preservar os corpos após a morte ainda era adotado por muitas famílias egípcias, sejam elas cristãs ou não cristãs. Ao que tudo indica, essa prática parece que não encontrou obstáculo na crença cristã da ressurreição dos mortos no dia do Juízo Final (DUNAND, 2010, p. 174). Portanto, a partir de documentos textuais e pesquisas arqueológicas, a cidade de Alexandria, desde o período ptolomaico, passando pela ocupação romana, a partir do ano 30 a.C., até a Antiguidade Tardia, constituiu-se de um ambiente bastante cosmopolita. Essa circulação de pessoas de diferentes lugares ensejava, desse modo, não apenas a troca de bens materiais entre elas, mas criava, ainda, um ambiente propício para as trocas de bens culturais. Conforme nos destaca Peter Burke (2003, p. 73), as cidades cosmopolitas, em quaisquer

períodos históricos, não eram apenas locais de encontros e trocas comerciais, mas, também, zonas de sobreposições ou intersecções entre diferentes culturas, que, ao se misturarem, acabavam por criar algo novo e diferente.

Podemos inferir que, tanto por meio dos seus recursos materiais como culturais, Alexandria foi uma metrópole de valor estratégico para o Império Romano do Oriente⁴. Talvez isso justifique, desde o período imperial, essa região do Egito ter ficado sob o domínio mais direto dos imperadores (PETIT, 1989, p. 146). Algumas características que distinguiram uma cidade com honra e *status* de metrópole, na geografia administrativa do Império Romano, na Antiguidade Tardia, estavam relacionadas à importância cultural, econômica, político-religiosa e também à presença de altos representantes do poder imperial naquela localidade (SILVA, 2012, p. 105). Como capital da Diocese do Egito, Alexandria era a residência do *praefectus Augustalis*, a quem todos os governadores das seis províncias, que a compunha, estavam sujeitos (KEENAN, 2008, p. 613).

Aspectos político-econômicos.

A presença de um grande número de autoridades imperiais, civis e militares, na cidade de Alexandria e na Diocese do Egito relacionava-se à grande importância que ambas representavam na geração de impostos para o império, sobretudo daqueles que eram devidos na forma de grãos. Segundo nos indica Michael Hollerich (1982, p. 187-196), ainda na Antiguidade Tardia, parte da produção da safra grãos colhida nas terras agricultáveis, situadas às margens e no delta do rio Nilo, eram direcionadas para suprir outras grandes cidades do Império Romano, como Constantinopla e Roma, além de prover o abastecimento das tropas militares. Logo, as atividades relacionadas ao embarque e transporte desses grãos faziam de Alexandria uma destacada metrópole portuária. As evidências da cultura material, fornecidas através de constantes pesquisas arqueológicas, têm demonstrado ainda a existência de uma variada produção manufatureira na cidade: têxteis, cerâmicas, folhas de

⁴ Com a morte do imperador Teodósio I, em 395, o Império Romano foi dividido em Império Romano do Oriente e Império Romano do Ocidente.

papiro e vinho, que, dentre um extenso portfólio, constituíam outras fontes de riqueza da cidade (HAAS, 1997, p. 114). Uma carta do bispo Cirilo (Carta nº 96), relacionando alguns presentes que deveriam ser entregues a destacados funcionários imperiais na Corte de Constantinopla, durante o desenrolar da *Controvérsia Nestoriana*⁵, é indicativo dessa diversidade manufatureira da cidade. Nela constam, dentre outros artigos, tapetes de lã, toalhas de mesa, utensílios domésticos e móveis de marfim.

Para Bryan Ward-Perkins (2008, p. 375-376), a estrutura de poder, no sistema imperial tardio, ao qual as cidades se inseriam como unidade básica, mostrou-se altamente centralizada e intervencionista, ditando as regras do jogo a partir do distante centro do poder imperial: a cidade de Constantinopla, que se situava na capital do Império do Oriente. Segundo esse autor, as metrópoles mais ricas e estratégicas do Império, por exemplo, Alexandria ou Antioquia, poderiam ter experimentado a presença do poder imperial de forma mais dura e diretamente sentida. Portanto, além de lidar com interesses variados de modo a satisfazer necessidades diárias, pode-se concluir que, da população de tais cidades - composta por indivíduos dos mais diferentes estratos sociais, filiações religiosas e bagagens culturais - era requerido, ao mesmo tempo, atender as demandas do poder imperial, na forma de impostos, taxas e liturgias públicas. Nessas circunstâncias, cidadãos bem posicionados, por se tratarem de ricos proprietários ou por desfrutarem do prestígio atribuído em função da sua *Paideia*⁶, poderiam ser recrutados para servir como membros da *Boulé*⁷, aos quais seriam confiadas inúmeras responsabilidades a serem cumpridas em favor da sua cidade (CARVALHO, SILVA, 2010, p. 88-89).

Aspectos político-culturais.

⁵ Conforme demonstramos em nossa dissertação de Mestrado “A *Controvérsia Nestoriana* e suas implicações político-administrativas nas cartas de Cirilo de Alexandria”, FCHS/UNESP Franca (2012), entendemos que os conflitos de ideias teológicas na Antiguidade Tardia não podem ser analisados sem se levar em conta os demais aspectos que interagiam no espaço social, dado o imbricamento entre religião e política naquele contexto.

⁶ Pode-se conceituar *Paideia* como um conjunto de ações pedagógicas, políticas, filosóficas e religiosas que aprimorava o discurso persuasivo (retórico) daqueles que necessitavam demonstrar e impor o seu poder (CARVALHO, 2010, p. 24).

⁷ Conselho que administrava a cidade.

Ainda no que se refere à Alexandria na Antiguidade Tardia, podemos verificar que trocas no seu espaço urbano não se davam apenas em termos econômicos. As evidências da cultura material e escrita indicam que a cidade se destacou também como um entreposto de trocas culturais. Nesse plano, parece que a cidade exerceu sua força gravitacional, sobretudo, em vista do prestígio alcançado pelas escolas filosóficas, que emergiram desde a fundação da cidade e durante o seu desenvolvimento no período ptolomaico⁸. Uma intensa atividade, nesse sentido, pode ser observada ainda durante a Antiguidade Tardia, quando vislumbramos a presença tanto de pensadores cristãos como Ário (256-336), Atanásio (295-373) e Cirilo (378-444) e não cristãos como, Plotino (205-270), Hipátia (370-415) e Heliodoro (Séc. V d.C.) (WATTS, 2006a). Tais indivíduos dispunham da possibilidade de se congregarem em academias, concentradas em torno da Biblioteca Real, do *Mouseion*, do *Serapeum* ou em espaços particulares. Esses centros estiveram relacionados à reunião e preservação de grande quantidade de manuscritos da tradição filosófica clássica grega e, também, daqueles documentos que guardavam os saberes de outros povos do Oriente, como os caldeus, os persas e os judeus (CANFORA, 1989).

Portanto, dadas essas características anteriormente elencadas, podemos inferir que Alexandria possuía uma variada elite político-religiosa, cultural e econômica que, certamente, buscava defender interesses próprios dentro da cidade, bem como, também, os interesses da própria cidade, que se inseria e desempenhava importante papel na complexa malha da geografia administrativa imperial. Apesar de algumas correntes historiográficas que percebem um acelerado processo de “cristianização” da sociedade egípcia no período, Haas (1997, p. 53), ao contrário, assegura-nos que durante o século IV d.C. uma importante porcentagem dos *bouletarios*⁹ de Alexandria ainda era composta de indivíduos não cristãos. Podemos também deduzir que a

⁸ Período em que a região do Egito foi governada pelos sucessores de Alexandre da Macedônia até a conquista romana em 30 a.C. O primeiro governante desse período, Ptolomeu I Soter (305-284 a.C.), adotou a monarquia egípcia como parte do seu modelo de governo, com o objetivo de dar legitimidade a ele por meio de um projeto político-religioso (GRALHA, 2009, p. 13 e 26).

⁹ Também podem ser referenciados como *curiales* ou membros da *Cúria*, ou ainda *decuriões*, que são termos empregados para designar magistraturas correspondentes dentro da administração das cidades romanas, mas, que, entretanto, podem se diferenciar em concepção e sentido de acordo com o tempo e o espaço (SILVA, 2012, p. 110-111).

participação dessa parcela não cristã da população, que dispunha de representação no conselho que administrava a cidade, ainda se estendeu para o período aqui analisado, conforme pudemos verificar através da ativa participação da filósofa neoplatônica Hipátia¹⁰ nos negócios da cidade (Sócrates Escolástico, *Hist. Ecl.* VII-15; DZIELSKA, 2009, p. 100).

Conforme também nos mostra Érica C. M. da Silva (2012, p. 124-125), conquanto seja recorrente na historiografia essa percepção de expansão da população cristã na conquista de espaços e domínios no ambiente urbano da Antiguidade Tardia, até então ocupados por indivíduos não cristãos, sobretudo a partir do século IV d.C. - não significa dizer que houve uma monopolização desses espaços pelos membros da hierarquia eclesiástica, como bispos, presbíteros e diáconos, dentre outros. Michael McCormick (2008, p. 154) identifica, ainda no século V d.C., a presença de indivíduos não cristãos ocupando posições de considerável prestígio na Corte Imperial. Se assim ocorria no centro do poder, na periferia pode não ter sido diferente. Acreditamos, desse modo, que nas diversas cartas em que encontramos o bispo Cirilo de Alexandria evocando “pagãos” e judeus e tratando-os depreciativamente, estaria dialogando, também, com essa população dentro de Alexandria, que, certamente, possuía indivíduos bem posicionados. Tal possibilidade de leitura se ampara no fato de que, era comum, na Antiguidade Tardia, uma carta ter como alvo não apenas o destinatário nela expresso, mas poderia até mesmo desempenhar as funções de um panfleto, transitando de mão em mão, dependendo do suporte físico empregado na sua redação, ou mesmo ser lida em voz alta na *Ágora*¹¹ (MORELLO; MORRISON, 2007, p. vi).

Desse modo, podemos vislumbrar que a dinâmica social de Alexandria entrelaçava-se em uma grande rede indivíduos que poderiam pertencer a diferentes condições sociais e econômicas oriundos de diferentes agrupamentos religiosos. Esse ambiente que caracterizou a comunidade alexandrina na

¹⁰ Apesar dos enfrentamentos entre o bispo Cirilo e a filósofa neoplatônica Hipátia serem retratados, quase sempre, na perspectiva conflito “paganismo” versus cristianismo, entendemos que se tratou de um conflito político-religioso. Percebemos através dos relatos de Sócrates Escolástico (*Hist. Ecl.* VII, 15), que Hipátia movia-se em influentes círculos governamentais e, ao que tudo indica, intervinha na vida social, política e cultural de Alexandria.

¹¹ *Ágora* era a praça onde se realizavam as assembleias da cidade. São encontradas ainda na Antiguidade Tardia, nas cidades helenizadas, sobretudo no Oriente.

Antiguidade Tardia, era, portanto, resultante daquilo que podemos descrever como mecanismos por meio dos quais os encontros culturais produzem formas novas e híbridas (BURKE, 2003, p. 55). Entendemos, contudo, que tais mudanças ocorreram em Alexandria no longo prazo e operaram por acréscimo e não por simples substituição aos elementos da milenar cultura egípcia já estabelecida naquela região¹².

O quadro que podemos extrair da sociedade alexandrina na passagem do IV para o V século d.C. é, portanto, resultado de uma confluência cultural, enriquecida, sobretudo, de forma mais intensa a partir do século III d.C., quando se percebe um desenvolvimento maior das instituições relacionadas à organização da hierarquia eclesiástica no Egito (WIPSZYCKA, 2010, p. 331). Nesse contexto, indivíduos cristãos e não cristãos passaram a desenvolver uma forma de coexistência que, em nosso entendimento, se aproximou daquela constatação de Arnaldo Momigliano (1991, p. 13), que, ao observar as formas de interação cultural entre os povos gregos e os demais povos com os quais estabeleceram contatos na Antiguidade, concluiu tratar-se de uma relação de interdependência, mas não de uniformidade.

Podemos verificar essa afirmação através da presença de alunos cristãos frequentando a academia da filósofa neoplatônica Hipátia, na virada dos séculos IV e V d.C. Outra indicação dessa interdependência nos é dada pelo bispo Cirilo de Alexandria no tratado “Contra Juliano” (*Contre Julien*, II, 1), ao sugerir que os filósofos gregos da Antiguidade clássica somente chegaram a postular alguma verdade filosófica porque, previamente, tomaram conhecimento dos ensinamentos de Moisés por ocasião de viagens que empreenderam ao Egito

¹² Podemos perceber essas interações culturais em diferentes momentos. No que concerne ao campo religioso, um dos componentes da cultura de uma sociedade, é possível exemplificar esse processo de hibridização através da mescla das características do deus egípcio Tot com o deus grego Hermes, que resultaria na divindade que os neoplatônicos egípcios da Antiguidade Tardia passaram a reconhecer como *Hermes Trimegisto* (CLARKE; DILLON; HERSHBELL, 2003, p. xxxii). As evidências indicam, também, que o mesmo processo de hibridização possa ter ocorrido em relação aos deuses Zeus e Osíris, dando origem ao deus *Serapis*. Torna-se interessante observar, através de imagens reproduzidas por André L. Chevitarese (2006, p. 54-59), a partir de achados arqueológicos em diferentes regiões do Egito, que podem ser datadas do século VI d.C., a semelhança das representações entre a deusa *Ísis* amamentando seu filho *Hórus* e a Virgem Maria amamentando o Menino Jesus. Pode ser revelador traçar o paralelo de que se Jesus nasceu de uma virgem, *Hórus* foi gestado pela deusa *Ísis* não obstante a sua concepção ter ocorrido após a morte do seu pai, o deus *Anúbis*.

naquele tempo. Embora tal afirmação não possa ser averiguada, parece ser uma justificativa para a apropriação de elementos da *Paideia* helênica como suporte para o desenvolvimento do discurso cristão, que serviu, inclusive, para ajudar a distinguir o cristianismo, na Antiguidade Tardia, de uma mera seita judaica a mais (CAMERON, 1991, p. 20).

Cabe reforçar que essas constatações nos levam a considerar, em nossa perspectiva, como inadequado o uso do termo “cristianização” da sociedade romana na Antiguidade Tardia ou mesmo o uso de expressões tais como “ascensão ou triunfo do Cristianismo”. Esses termos parecem trazer embutidos uma relação de dominação cultural de um grupo por outro. Tais ideias colidem com as modernas historiografias política e cultural, que partem da premissa de que as parcelas dominantes da população de uma dada sociedade não são capazes de controlar e anular as suas minorias, tornando-as, assim, uma expressão ou reflexo de si próprias (GOMES, 2005, p. 24) e, também, que a tradução de um sistema cultural em outro não é um processo que caminha em linha reta, que apresenta fronteiras firmes e detectáveis, mas, ao invés disso, constitui-se de zonas obscuras e sobrepostas (CAMERON, 1991, p. 122).

O que podemos observar, tomando por base a sociedade alexandrina na Antiguidade Tardia, é a afirmação de um discurso cristão que se adequou aos padrões culturais aceitáveis pelos indivíduos naquele momento, que, por sua vez, eram produto de uma hibridização cultural. A passagem abaixo, de uma carta de Cirilo para os monges na Cítia, expressa a visão do bispo alexandrino acerca do compartilhamento de opiniões entre indivíduos não cristãos e alguns cristãos considerados, por ele, “heréticos”:

Alguns se atreveram a dizer que Orígenes é um professor da Igreja. É adequado colocar-se junto a essas pessoas? Se Orígenes é um professor da Igreja então os arianos, os eunomianos e os pagãos exultam desse fato. Também igualmente exultam aqueles que blasfemam contra o Filho e o Espírito e outros que compartilham tais impiedades e zombam da ressurreição dos mortos. Pois, está claro nas declarações dos Santos Padres, que aqueles que estão do lado das ideias de Orígenes estão seguindo as aberrações dos pagãos e a loucura dos arianos (Carta nº 81, de Cirilo aos monges da Cítia).

Portanto, a despeito da grande quantidade de documentos que registraram os conflitos ocorridos entre os diferentes grupos religiosos em Alexandria, na Antiguidade Tardia, não conseguimos vislumbrar que os mesmos se circunscreviam apenas a uma oposição entre concepções religiosas distintas. Margarida Maria de Carvalho (2010, p. 22) também já constataria em suas pesquisas que o desenvolvimento do discurso político-religioso cristão no século IV d.C. não se restringiu à polêmica cristianismo *versus* paganismo. Logo, uma análise da atuação desses grupos no espaço urbano nos leva a considerar mais adequado enquadrar esses enfrentamentos na complexa categoria dos conflitos político-culturais, que permearam os relacionamentos entre os indivíduos de uma população multicultural, cujos interesses não se circunscreviam apenas à esfera religiosa.

Comunidades político-culturais.

Por conseguinte, podemos destacar que um importante segmento da sociedade alexandrina do período, do qual não dispomos de dados precisos acerca da sua proporção, comportava indivíduos que professavam diferentes credos ligados às tradições culturais helênicas, egípcias ou uma síntese delas. Verificamos que o uso do termo “pagãos”, utilizado de forma recorrente e pejorativa pelo bispo Cirilo em suas cartas, e muitas vezes reproduzido pela historiografia atual, para designar essa parcela da população alexandrina, agrupava, sob uma mesma categoria, indivíduos pertencentes a uma plethora de seitas, crenças e práticas não cristãs. Nesse conjunto, podemos enquadrar indivíduos de um amplo espectro de orientações culturais como os neoplatônicos, adeptos ou não da *teurgia*¹³, outros indivíduos helenizados, porém ainda carregando traços marcantes das antigas religiões egípcias e outros de diferentes correntes filosóficas que se estabeleceram em Alexandria, oriundos de diversas regiões do Império, em vista da fama das suas tradicionais

¹³ A palavra *teurgia* aparece apenas no século II d.C.; parece ter sido criada pelo autor ou pelos autores dos *Oráculos caldaicos*, para designar ritos capazes de purificar a alma e seu “veículo imediato”, o corpo astral, a fim de permitir-lhe contemplar os deuses. Esta prática consistia de ritos capazes de purificar a alma e o corpo astral com a finalidade de contemplar os deuses. Diferente da magia, a *teurgia* não pretendia forçar os deuses, mas se submeter às suas vontades com ritos que eles mesmos haviam supostamente fixados (HADOT, 2004, p. 245).

escolas filosóficas (WATTS, 2006a). Haas (1997, p. 131) destaca que os cidadãos desses segmentos pertenciam a posições sociais distintas - ricos proprietários, que poderiam integrar o conselho municipal ou *Boulé*, filósofos altamente educados e, até mesmo, um *fellahin* (camponês) que procurava emprego sazonal nos cais dos portos alexandrinos. Logo, mesmo dentro desse grande agrupamento de “pagãos” podemos identificar indivíduos portadores de interesses particulares, não exclusivamente religiosos e que não estariam imunes a entrar em conflitos entre si.

De forma semelhante, encontra-se a população de origem judaica que, ao que tudo indica, também não era uniforme, tanto nos aspectos socioeconômicos quanto culturais¹⁴. As comunidades judaicas alexandrinas formadas por indivíduos que, mesmo procurando se abrigar sob a identidade judaica, passaram por diferentes graus de interações com as culturas helênicas ou mesmo por aqueles que buscaram manter a pureza religiosa através da observância mais rigorosa da tradição e dos valores da cultura hebraica (MOMIGLIANO, 1991, p. 71-88). Essa comunidade congregava indivíduos que desempenhavam variadas atividades no espaço urbano, tais como artesãos, especialmente na produção têxtil, ourives, lapidadores de joias, fabricantes de perfumes e incensos, ou mesmo em destacadas profissões liberais, como no exercício da medicina, área em que os judeus alexandrinos se destacavam por todo o Império. Ademais, há indicações, também, que os judeus alexandrinos exerciam um importante papel no comércio e nas transações bancárias em toda a bacia mediterrânea oriental. A respeito dessas atividades, Haas (1997, p. 117-118) nos traz a interessante informação:

[...] cristãos marinheiros e capitães de navios estavam entre os mais ardentes apoiadores do patriarca alexandrino. Dispunham-se, até mesmo, a pegar em armas na defesa do seu patrono eclesiástico [o bispo] contra oponentes locais e agentes da autoridade imperial. Talvez um fator que tenha contribuído para o sólido laço patrono-cliente foi uma certa quantidade de competição econômica entre embarcadores judeus e *navicularii* cristãos, que, sem dúvidas,

¹⁴ Vide: Miles (1999, p. 8), embora o termo “cultura” implique que exista algo como um grupo homogêneo, não há a necessidade de um completo consenso no interior daquele grupo quanto ao conteúdo real daquela cultura, uma vez que todas as culturas estão envolvidas umas às outras, sendo, ao mesmo tempo, híbridas e extraordinariamente diferenciadas. Nesse âmbito é que as identidades são produzidas, consumidas e regulamentadas.

ressentiam ter de suportar sozinhos os onerosos deveres envolvidos no transporte do grão imperial.

É possível que esses conflitos intercomunais, de natureza econômica, fossem comuns. Portanto, os embates entre as diferentes comunidades político-religiosas poderiam não estar relacionados ou serem encorajados apenas pelas leis religiosas de repressão aos segmentos não cristãos e cristãos heterodoxos e cismáticos da sociedade romana tardia. Tais leis passaram a ser outorgadas a partir do governo do imperador Teodósio I (347-395) (KISS, 2010, p. 193), contudo, acredita-se que a legislação do sistema imperial tardio parece ter sido mais rígida e eficiente na redação do que na prática (WARD-PERKINS, 2008, p. 376)¹⁵. No que se refere à sociedade alexandrina, as evidências nos levam a acreditar que a interdependência econômica e cultural entre os diferentes grupos que a compunha requeria, antes de qualquer ruptura brusca entre eles, um quadro de negociação política, que poderia se dar em direção à acomodação dos vários interesses dentro da própria cidade. Negociações poderiam ser empreendidas, também, por essas lideranças junto ao governo central, visando aos interesses da cidade, independente da filiação religiosa delas. Nesse caso específico, as necessidades locais parecem que, em algumas circunstâncias, se sobrepujam à aplicação estrita da letra da lei (LEE, 2008, p. 37). Essas impressões vão ao encontro das reflexões teóricas que postulam que:

As diferentes culturas políticas não devem ser encaradas como realidades estanques, como se estivessem encerradas em si mesmas e imunes aos contatos com as outras, concorrentes na disputa pelo espaço público e pelo controle do Estado. Embora sejam adversárias, e com frequência possuam características antitéticas, às vezes elas se deixam influenciar por valores defendidos pelas concorrentes, sobretudo quando eles encontram grande aceitação social (MOTTA, 2009, p. 22).

Não queremos afirmar, contudo, que os líderes cristãos não reivindicassem a aplicação desse expediente de forma pontual, quando a ocasião lhes indicava apropriada, mas parece que cuidavam, sobretudo, de fazê-lo de

¹⁵ Segundo Lee (2008, p. 37) é conhecida a presença de indivíduos arianos e não cristão ocupando altos cargos no exército romano durante todo o governo de Teodósio II. O significativo número de arianos godos que serviam ao governo podem ter agido para desencorajar a implementação das leis religiosas de repressão.

modo a não eliminar o oponente, mas preservasse um parceiro para a ocasião necessária. Nesse sentido, conforme nos informa Watts (2006b, p. 189) a destruição do templo *Serapeum*, dedicado ao deus neoplatônico Sérapis, em 391, esteve relacionada à disputa entre os cristãos, sob a liderança do bispo Teófilo, tio e antecessor de Cirilo, e uma específica vertente dos neoplatônicos, seguidores do filósofo Jâmblico, sobretudo aquela composta por indivíduos oriundos de fora do Egito, que professavam a *teurgia*, doutrina inaceitável aos cristãos por envolver a prática de sacrifícios de sangue (BRADBURY, 1995, p. 339). Nesse mesmo viés de leitura, podemos enquadrar a perseguição realizada pelo bispo Cirilo à seita cristã cismática dos novacianos, cujos membros haviam apoiado o seu oponente na disputa pela sucessão episcopal em que saiu vencedor. Tais exemplos nos demonstram que a variedade dos conflitos que permeavam a sociedade alexandrina naquele contexto podia reunir interesses políticos, econômicos e religiosos que não podem ser interpretados apenas como uma polarização entre “paganismo” *versus* cristianismo.

De modo análogo, acerca da utilização do termo “pagãos” e “judeus”, abrigava-se, sob a terminologia de “cristãos”, um mosaico de diferentes correntes que disputavam com a “ortodoxia” estabelecida o seu espaço de influência na comunidade. Nas epístolas cirilianas, encontramos indivíduos cristãos identificados como arianos, eunomianos, pelagianos, macedonianos, apolinaristas e novacianos, dentre outras agremiações. O escritor contemporâneo Sócrates Escolástico (*Hist. Ecl.* VII, 7) descreveu-nos os conflitos que levaram Cirilo a ocupar a chefia do episcopado em Alexandria. Ao que tudo indica, não parece incomum o envolvimento dos diversos segmentos da população alexandrina, cristãos e não cristãos, nas disputas que cercavam a escolha de um indivíduo para o episcopado. Conforme nos relata Haas (1997, p. 159-160), tais grupos poderiam dar apoio a uma facção da comunidade cristã contra outra, de acordo com interesses de natureza variada. Segundo esse autor, na segunda metade do século IV d.C., neoplatônicos, cristãos arianos e judeus associavam-se para fazer frente ao que percebiam se tratar de um aumento crescente do poder do bispo alexandrino e das facções que o apoiava. Tais conflitos, como aquele ocorrido durante a investidura de Cirilo, poderiam, de

acordo com Brown (1980, p. 18), relacionarem-se com a distribuição da carga administrativa entre os membros dos escalões urbanos superiores da sociedade.

No que se refere aos conflitos entre as diferentes forças político-religiosas no início do episcopado de Cirilo, a partir dos relatos de Sócrates Escolástico, Watts (2006a, p. 200), em consonância às percepções de Haas (1997, p. 315-316), afirma-nos que “pelo início da década de 420, Cirilo veio a dominar por completo o conselho alexandrino”. A correspondência epistolar de Cirilo leva-nos a considerar, entretanto, que - se o bispo alexandrino logrou exercer uma liderança naquela cidade, e por extensão no restante da Diocese do Egito, sob sua jurisdição na esfera eclesiástica, - o equilíbrio entre essas diferentes forças político-religiosas era algo precário. Entendemos que tais conflitos não se circunscreviam ao âmbito religioso e, a despeito da persistente atuação de Cirilo, não podemos tampouco considerar Alexandria, portadora de diferentes culturas político-religiosas como visto acima, como uma cidade “cristianizada”. Ao tomarmos por base esses conflitos, podemos inferir que, se por um lado Cirilo construiu uma rede de apoio em torno de si que lhe garantiu exercer certa liderança, por outro lado, também, ele angariou inimigos dentro da sua própria jurisdição, inclusive no interior da própria ala ortodoxa, em vista dos conflitos que permearam a sua ordenação.

Acreditamos que o grande desafeto de Cirilo na *Controvérsia Nestoriana*, o bispo Nestório de Constantinopla, ao buscar expandir sua autoridade para além da Sé da capital imperial, percebeu que esse equilíbrio poderia ser rompido, colocando, assim, a posição de Cirilo em risco, tanto frente aos seus aliados como, também, ante aos seus adversários. Percebemos essa brecha para que Nestório agisse através da carta nº 4 endereçada por Cirilo ao bispo de Constantinopla, em 24 de fevereiro de 430, e outra endereçada a certo devoto de Nestório, também no mesmo período, ou seja, logo no início do conflito entre ambos:

(7) Não é de admirar que as miudezas da cidade, Chaeremon, Vítor, Sofronas e o subalterno e fraudulento Flaviano falem mal de mim. Eles têm sido má influência, tanto entre eles como sobre outros. ***Mas deixe aquele que os incitou [Nestório] saber que nós nem tememos a morte nem uma defesa no tribunal contra eles, se houver uma oportunidade para isso.*** Acontece que a

economia do Senhor reuniu um sínodo por causa dessas pequenas e leves matérias para purificar sua igreja e manter a verdadeira fé inconfusa. ***Não deixe o pobre homem [Nestório] pensar, embora possa haver muitos homens respeitáveis que venham nos acusar em respeito a ele, que ele será juiz de nossas doutrinas, mesmo se isso for introduzido na corte das ambições.*** Quando formos para lá, vamos desafiá-lo e, Deus nos ajude, ele defenderá suas blasfêmias. Assim, de modo algum podemos fugir da paz, mas alcançá-la, se ele confessar a verdadeira fé e parar de dizer aquelas coisas, pois ao usar a sua terminologia estranha ele está chamando para si a morte. Pois o panfleto que foi enviado contém muito dessas blasfêmias e distorções que podem contaminar o leitor (Carta nº 10, de Cirilo a certo devoto de Nestório, destaques nossos).

Essas indicações que destacamos acima são importantes para nos mostrar que Cirilo estava sofrendo uma contestação da sua liderança dentro da cidade, habilmente instigada por Nestório. Ao que nos parece, Cirilo não estava lidando apenas com “miudezas” da cidade, pois como pudemos constatar na carta nº 4, um dos seus desafetos estava sendo acusado por ele de “roubar dinheiro de outra pessoa com a ajuda de uma serva”. Não nos parece que, naquele contexto, um indivíduo que possuísse servos se tratasse de alguma pessoa situada à margem da sociedade.

Uma vez que a jurisdição de Cirilo se estendia para toda a região do Egito, encontramos Nestório, bispo de Constantinopla, também investindo sobre essa região com o objetivo de estender sua influência. O que estava em desacordo com as normas vigentes, que regiam a organização da hierarquia eclesiástica de que um bispo não poderia interferir na jurisdição de outro (JONES, 1964, p. 886). Ao que as cartas também nos indicam, Nestório¹⁶ buscou influenciar as comunidades monásticas do interior egípcio, segmento atuante nos conflitos que ocorreram no início do episcopado de Cirilo. Essa investida do bispo da capital imperial parece ter despertado uma preocupação excessiva em Cirilo, uma vez que ele endereçou uma extensa carta aos monges, composta por quarenta parágrafos, a fim de tentar neutralizar as ações do seu oponente:

¹⁶ Embora Cirilo não cite o nome do bispo Nestório, explicitamente, nesta carta, a leitura das cartas subsequentes nos indica que os “rumores perturbadores” ali referidos por ele, podem tratar-se da penetração da doutrina nestoriana e, por acréscimo, da influência do bispo constantinopolitano na esfera de atuação da sua jurisdição episcopal.

(1) Alguns dos seus irmãos, como de costume, têm chegado a Alexandria. Eu perguntei e muito ansiosamente inquiri se vocês mesmos estão se esforçando para se destacar na verdadeira e irrepreensível fé. [...] (4) ***Mas eu estou perturbado além da medida, porque eu tenho ouvido que certos rumores perturbadores têm alcançado vocês e que certos homens andam por aí a destruir a fé simples de vocês***, acariciando-os com uma infinidade de frases inúteis, dizendo que é necessário especificar claramente se a Santíssima Virgem Maria deve ser chamada Portadora de Deus (Carta nº 1, de Cirilo aos monges do Egito, destaque nosso).

Desse modo, podemos verificar que a *Controvérsia Nestoriana* não emergiu apenas porque os bispos alexandrinos do período buscaram empreender uma luta contra o bispado de Constantinopla em vista do rebaixamento da Sé de Alexandria após o Concílio de Constantinopla, em 381 (BAYNES, 1926, p. 145-146; DROBNER, 2008, p. 451). Emergiu, também, porque a sociedade alexandrina era heterogênea e abrigava indivíduos portadores de diferentes interesses político-religiosos e econômicos, que poderiam, ora convergir em benefício deles próprios e da cidade como um todo, ora servir como instrumento de disputas quando a ocasião assim exigisse, conforme percebeu o bispo Nestório. Isso vem a nos indicar que o bispo alexandrino não era um todo poderoso “faraó” do Egito, como algumas visões historiográficas assim o definia, pois o seu poder e liderança poderiam ser objeto de questionamento pelos seus conterrâneos.

Considerações finais.

Buscamos indicar nesse artigo a pluralidade de segmentos portadores de diferentes orientações político-religiosas que conviviam no espaço urbano da cidade de Alexandria na passagem do IV para o V século d.C. Apesar da documentação do período que chegou até nós ser composta de relatos provenientes de escritores cristãos, cujo teor propagandístico é inegável na defesa das suas concepções religiosas, isso não nos impediu de analisar a diversidade que compunha o ambiente urbano da cidade e as implicações político-religiosas e administrativas adjacentes ao debate de ideias.

Nessa investigação, aliamos à perspectiva de que na análise histórica das sociedades da Antiguidade não podemos desvincular a dimensão religiosa das

demais esferas da vida social as considerações de Pierre Bourdieu (2007), de que a religião apresenta função social que não é unicamente a de livrar os indivíduos das angústias existenciais, mas fornecer, também, um conjunto de justificativas de existência para determinadas posições sociais.

A efervescência da diversidade de ideias em Alexandria, na Antiguidade Tardia, em decorrência do seu multiculturalismo, a projetou, nesse cenário, como uma importante metrópole, cuja influência extrapolou suas fronteiras e se fez sentir por todo Império Romano do Oriente. Conforme já havia percebido o filósofo grego Aristóteles (*Política*, II, 1), a diversidade é que constrói uma cidade.

BIBLIOGRAFIA

1) Fontes

ARISTOTLE. **Politics**. Translated by H. Rackham. Cambridge/MA: Loeb Classical Library, 1959.

CYRIL OF ALEXANDRIA. **Letters 1-50**. The Fathers of the Church. Vol. 76. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 2007a.

_____. **Letters 51-110**. The Fathers of the Church. Vol. 77. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 2007b.

CYRILLE D’ALEXANDRIE. **Contre Julien**. Tome I, livres I et II. Introduction, texte critique, traduction et notes par Paul Burguière et Pierre Éviéux. Paris: Les Editions du Cerf, 1985.

SOCRATES SCHOLASTICUS. **Church History**. Translated by A.C. Zenos. From Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series, Vol. 2. Edited by Philip Schaff and Henry Wace. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1890.) Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. 1 CD-ROM.

2) Livros e periódicos

BAGNALL, Roger S. **Egypt in late antiquity**. 4 ed. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1996.

BALTA, Paul. El cosmopolitismo de Alejandría. Barcelona: L’Institut Europeu de la Mediterrània, **Quaderns de la Mediterrània**, n° 5, 2005, p. 141-1152.

- BAYNES, Norman H. Alexandria and Constantinople: a study in ecclesiastical diplomacy. **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 12 nr. 3-4. Published by Egypt Exploration Society; Oct. 1926, p. 145-156.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRADBURY, Scott. Julian's pagan revival and the decline of blood sacrifice. **Phoenix** 49, 1995, p. 331-356.
- BROWN, Peter. Response to Henry Chadwick. In: **The Role of the Christian Bishop in Ancient Society**. Protocol of the 35th Colloquy, The Center of Hermeneutical Studies in Hellenistic and Modern Culture, ed. by E. C. Hobbs and W. Wuellner, Berkeley/CA: 1980, p. 15-22.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida**: histórias da Biblioteca de Alexandria. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CARVALHO, Margarida Maria; SILVA, Érica Cristhyane Morais da. Cultura política e administração na Antiguidade Tardia: os conflitos em torno dos "curiales" na cidade de Antioquia (século IV d.C.). Vitória: **Dimensões**, Revista de História da Ufes, vol. 25, 2010, p. 82-96.
- _____. **Paidéia e retórica no séc. IV d.C.**: a construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno. São Paulo: Annablume, 2010..
- CAMERON, Averil. **Christianity and the Rhetoric of Empire**: the development of Christian discourse. Berkeley: University of California Press, 1991.
- CHEVITARESE, André Leonardo. Maria, Menino Jesus e a ilegitimidade física do filho de Deus. O uso do modelo iconográfico de tipo universal (Mãe/Filho) pelos cristãos. In: _____; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica. (Org.). **Jesus de Nazaré**: uma outra história. São Paulo: Annablume, 2006, p. 43-59.
- CLARKE, Emma C.; DILLON, John M.; HERSHBELL, Jackson P. Introduction. In: IAMBlichus, **De mysteriis**. Translated with an introduction and notes by CLARKE, Emma C.; DILLON, John M.; HERSHBELL. Jackson P. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
- DROBNER. Hubertus R. **Manual de patrologia**. 2. ed. Tradução de Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008.

- DUNAND, Françoise. Between tradition and innovation: Egyptian funerary practices in late antiquity. In: BAGNALL, Roger. (Org.). **Egypt in the Byzantine world**, 300-700. New York: Cambridge Press, 2010, p. 163-184.
- DZIELSKA, Maria. **Hipatia de Alejandría**. 4. ed. Traducción del inglés de José Luis López Muñoz. Madrid: Ediciones Siruela, 2009.
- GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (Org.). **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005, p. 21-44.
- GRALHA, Julio Cesar Mendonça. **A legitimidade do poder no Egito ptolomaico: cultura material e práticas mágico-religiosas**. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História). IFCH/UNICAMP, Campus Campinas, 2009.
- HAAS, Christopher. **Alexandria in Late Antiquity: topography and social conflict**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.
- HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga?** 2a. ed. Tradução de Dion David Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HOLLERICH, Michael J. The Alexandrian Bishops and the Grain Trade: Ecclesiastical Commerce in Late Roman Egypt. **Journal of the Economic and Social History of the Orient**, Vol. 25, No. 2. Published by: BRILL, 1982, p. 187-207.
- JONES, Arnould Hugh Martin. **The later roman empire, 284-602: A social, economic and administrative survey**. 2 vol. Baltimore: Johns Hopkins University, 1964.
- KEENAN, James G. Egypt. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Org.). **The Cambridge Ancient History vol. XIV: late antiquity, Empire and Successors, A. D. 425-600**. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 2008, p. 612-637.
- KISS, Zsolt. Alexandria in the fourth to seventh centuries. In: BAGNALL, Roger S. (Org.). **Egypt in the Byzantine world, 300-700**. New York: Cambridge Press, 2010, p. 187-206.
- LEE, A. Doug. The Eastern Empire: Theodosius to Anastasius. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Org.). **The Cambridge Ancient History vol. XIV: late antiquity, Empire and Successors, A. D. 425-600**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008, p. 33-62.
- LLOYD, Alan B. Egypt: 404-332 B.C. In: LEWIS, D. M.; BOARDMAN, J.; HORNBLLOWER, S.; OSTWALD, M. **The Cambridge Ancient History - vol. VI: The fourth century B.C.** 2. Ed. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 2008, p. 337-360.

- McCORMICK, Michael. Emperor and Court. In: In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. **Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600**. The Cambridge University Press, Vol. XIV. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2008, p. 135-163.
- MILES, Richard. **Constructing identities in Late Antiquity**. London/New York: Routledge, 1999.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**. Tradução de Cláudia Martelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew D. (Org.). **Ancient Letters: classical and late antiquity epistolography**. New York: Oxford University Press, 2007.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidade na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____. (Org.). **Culturas políticas na história: novos Estudos**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 13-37.
- OLIVEIRA, Júlio César Magalhães de. O conceito de Antiguidade Tardia e as transformações da cidade antiga: o caso da África do Norte. Campinas: **Revista de E. F. e H. da Antiguidade**, nº 24, jul. 2007/jun. 2008, p. 125-137.
- PETIT, Paul. **A Paz Romana**. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989.
- PRAG, Andrew John Nicholas Warburg. **Proportion and personality in the Fayum portraits**. London: 2002, p. 55-63. In: <<http://www.britishmuseum.org/pdf/3d%20Proportion%20and%20personalit y.pdf>>. Acessado em 14/03/2012.
- SILVA, Érica Cristhyane Morais da. **Conflito político-cultural na Antiguidade Tardia: o 'Levante das Estátuas' em Antioquia de Orontes (387 d.C.)**. 2012. 274 f. Tese (Doutorado em História). FHDSS/UNESP, Campus Franca, 2012.
- WARD-PERKINS, Bryan. The cities. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Org.). **The late empire, AD 337-425**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIII. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2008, p. 371-410.
- WATTS, Edward J. **City and school in late antique Athens and Alexandria**. Los Angeles: California University Press, 2006a.
- _____. The murder of Hypatia: acceptable or unacceptable violence? In: DRAKE, H. A. (Org.). **Violence in late antiquity: perceptions and practices**. Aldershot/UK: Ashgate Publishing Limited, 2006b.
- WIPSZYCKA, Ewa. The institutional church. In: BAGNALL, Roger S. (Org.). **Egypt in the Byzantine world, 300-700**. New York: Cambridge Press, 2010, p. 331-349.

